

IGREJAS E SOBRADOS NA PAISAGEM VISLUMBRADA PELO HISTORIADOR RUBENS DE MENDONÇA

Sônia Regina Romancini¹

Na obra “*Igrejas & Sobrados de Cuiabá*”, publicada em 1978 pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, o observador e perspicaz historiador Rubens de Mendonça percorre ruas e avenidas da cidade discorrendo com detalhes sobre as igrejas e os sobrados que compunham a paisagem urbana.

Nascido em 1915, Rubens de Mendonça conviveu na cidade que guardava suas origens pela mineração, no século XVIII e que, em meados do século XX, apresentava cerca de 50 mil habitantes. Na década de 1970, quando a obra em pauta foi lançada, a população urbana contava 88.254 habitantes.

As principais mudanças na economia e no espaço urbano de Cuiabá e Mato Grosso aconteceram a partir de 1964, quando o governo federal promoveu a “integração da Amazônia”, elegendo Mato Grosso como fronteira do capital e Cuiabá como centro de decisões, o que acarretou intenso fluxo migratório dirigido a Cuiabá e significativo crescimento demográfico. Assim, a população urbana atingiu 198.086 habitantes em 1980 e 395.662 em 1991 (CORRÊA, 1987; CUIABÁ, 2010).

O historiador Rubens de Mendonça foi morador da Rua Barão de Melgaço que procede do antigo “Quintal Grande”, denominação do local onde hoje se encontra a Avenida Mato Grosso, cruzando diver-

¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Novas Territorialidades – GECIT (CNPq-UFMT). Membro do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). E-mail: romanci@terra.com.br

sas avenidas até encontrar a Avenida Miguel Sutil, nas proximidades da Ponte Nova. Considerada uma das artérias mais importantes de Cuiabá, não somente pelo seu valor histórico, mas pela função de logradouro público que não tinha função comercial. Nela se sobressaía a função residencial, sendo que, a partir da década de 1970, foi tomada pelo setor financeiro, constituindo nos dias atuais uma rua de especialidade neste setor (ROMANCINI; ALENCASTRO, 2001).

Segundo um recenseamento realizado em 1825, o logradouro aparecia como Rua Linda do Campo, provavelmente por sua ligação com o antigo Campo d’Ourique (hoje Praça Pascoal Moreira Cabral, tomada pela construção da Assembléia Legislativa, atual Câmara Municipal de Cuiabá). Nesse período, as ruas eram referenciadas de maneira informal tendo como base as tradições da localidade (ROMANCINI; ALENCASTRO, 2001).

Para falar sobre a Rua Barão de Melgaço, Mendonça (1969, p. 75) cita seu pai, o historiador Estevão de Mendonça que assim escreveu: “Ainda é para muita gente, teimosamente Rua do “Campo”. O panorama de seu conhecimento remonta ao ano de 1878, quando chegou, ainda menino, em companhia de seus tios, tendo como primeira morada o sobradinho de Benedito Rico, à Rua Barão de Melgaço.

A memorialista Dunga Rodrigues informa que após o término da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, as ruas de Cuiabá passaram a ostentar os marcos da vitória. Cada uma delas, por meio de um edital da Câmara de 1871, passou a receber nomes de cidadãos ilustres, datas e outras referências às batalhas travadas. Dessa forma, a Rua do Campo passou a se chamar Rua Barão de Melgaço (RODRIGUES, 1969).

A cidade percorrida por Rubens de Mendonça era composta por 18 bairros e estava concentrada, especialmente, dentro da área circundada pela Avenida Miguel Sutil que, naquela época, representava uma área de expansão urbana. Também como exemplos de novas territorialidades urbanas na década de 1970 destacam-se o Centro Político Administrativo (CPA) e a Grande Morada da Serra, na direção norte/nordeste, e a Universidade Federal de Mato Grosso, no Coxipó.

A paisagem do centro principal começava a ser marcada pela verticalização dos edifícios, a exemplo do Palácio Alencastro, com sete andares, em 1957, e do edifício residencial Maria Joaquina, com 13 pavimentos, em 1967, junto à Praça Alencastro, e por diversos edifícios para uso comercial, residencial e institucional construídos nas décadas de 1970 e 1980.

Correspondendo aos ideais de modernidade da população, no ano de 1969, foi inaugurado em Cuiabá, o primeiro canal de televisão, a TV Centro América, filiada à Rede Globo. Nesse período, o Governo Federal realizou a pavimentação asfáltica das rodovias federais, ligando Cuiabá a Campo Grande, São Paulo, Goiás e Brasília (ROMANCINI, 2005).

A elaboração da obra “*Igrejas & Sobrados de Cuiabá*”, contendo 94 páginas, evidencia as preocupações do Historiador Rubens de Mendonça com a preservação de importantes conjuntos arquitetônicos e paisagísticos da cidade natal que, face ao processos vividos, passava por grande descaracterização de seu patrimônio material e imaterial.

Na apresentação da obra, datada de abril de 1978, o historiador Carlos Rosa, lamenta a ausência de legislação municipal e estadual para a preservação dos signos históricos abordados por Rubens de Mendonça e que compunham a paisagem urbana. Rosa informa que, para ilustrar a obra, foram inseridas fotos que revelam a descaracterização dos sobrados cuiabanos.

Inicialmente, Rubens de Mendonça descreve as primeiras igrejas de Cuiabá, destacando curiosidades e manifestações culturais que nelas ocorriam. Assim, as igrejas abordadas são as seguintes: Igreja da Matriz, Igreja do Rosário, Igreja de São Gonçalo, Igreja do Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, Igreja do Bom Despacho, Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e Igreja Presbiteriana.

Na sequência, o autor destaca os sobrados existentes ou que já haviam sido demolidos, no centro e no bairro Porto, contando causos e fatos pitorescos sobre eles. A narrativa é, também, ilustrada com fatos históricos, crônicas, poemas e curiosidades sobre o tema em pauta. Para respaldar a análise, o autor lança mão de fontes bibliográficas de autores mato-grossenses que lhe permitem aprofundar na temática como, por exemplo, Estevão de Mendonça, José de Mesquita e Dom Aquino Corrêa.

Para o presente texto elegeu-se a abordagem sobre quatro igrejas e quatro sobrados analisados por Rubens de Mendonça. As ilustrações presentes neste texto foram retiradas da obra digitalizada do acervo da Casa Barão de Melgaço. Não foi possível mencionar os créditos dos fotógrafos uma vez que os mesmos não constam na obra analisada.

AS IGREJAS

Mendonça (1978) informa que a primeira igreja erigida em Cuiabá estava localizada no Coxipó-Mirim no arraial denominado Forquilha, fundado em 1719, por Pascoal Moreira Cabral Leme e outros

bandeirantes, que levantaram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, na qual o padre Jerônimo Botelho celebrou a primeira missa em 1720.

Posteriormente, com a descoberta do ouro no córrego da Prainha, nas proximidades da colina do Rosário, pelos índios enviados por Miguel Sutil. Essas minas ficaram conhecidas como Lavras do Sutil e Minas do Cuiabá e para lá se transferiu quase toda a população de Forquilha, pois se tratava de veio aurífero de grande importância. Surgiu, assim, o Arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. No dia primeiro de janeiro de 1727, Cuiabá foi elevada à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e, em 1818, foi elevada à categoria de cidade, com a denominação de Cuiabá.

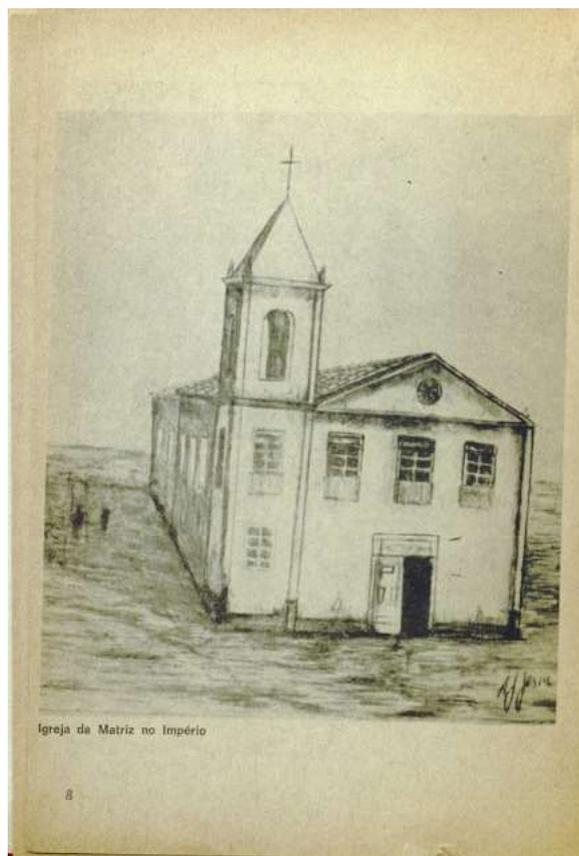
IGREJA DA MATRIZ

Templo dedicado ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, demarcado inicialmente pela presença de uma igreja de palha e pau-a-pique, levantada pelo Capitão Mor de Cuiabá, Jacinto Barbosa Lopes. Mendonça destaca as informações contidas na “Crônica do Cuiabá” de autoria de Barbosa de Sá:

Neste mesmo ano [1722] levantou o Capitão-Mor JACINTO BARBOZA LOPES, à sua custa, a IGREJA MATRIZ, coberta de palha, no mesmo local em que se acha a que hoje existe, dando-lhe o título de IGREJA DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ, adonde celebrou a primeira missa seu irmão frei PACÍFICO DOS ANJOS, religioso franciscano. (MENDONÇA, 1978, p. 7).

Pautado em Dom Aquino, Mendonça (1978) informa que em 1739, o vigário padre João Caetano iniciou a construção de uma nova capela de taipa socada, era ampla e abrigava a antiga capela. Em 1771, o padre José Pereira Duarte, com o apoio do frei José da Conceição Passos d’Arco, desenhista e construtor, ergueu a primeira torre em forma piramidal, que se conservou até 1868, quando o arquiteto italiano Tortorelli, desenhou e construiu uma nova torre, com teto em forma de abóbada. Na década de 1920, no governo do Presidente do Estado, Dr. Mário Corrêa da Costa, a Matriz do Bom Jesus passou por uma reforma, ganhando nova fachada, com duas torres, aspecto que foi conservado até a sua demolição, em 1968.

FIGURA 1: Igreja da Matriz no Império



Fonte: Mendonça (1978, p. 8)

FIGURA 2: Igreja da Matriz em 1914



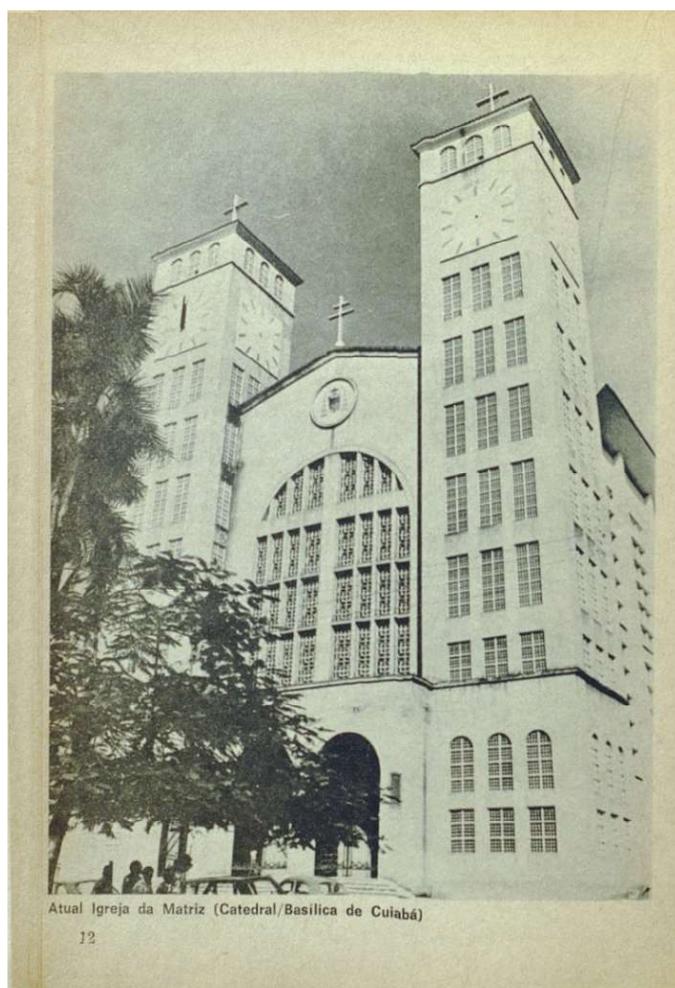
Fonte: Mendonça (1978, p. 9)

FIGURA 3: Igreja da Matriz na década de 1940



Fonte: Mendonça (1978, p. 11)

FIGURA 4: Catedral Basílica de Cuiabá



Fonte: Mendonça (1978, p. 12)

As referências de Rubens de Mendonça à velha matriz são concluídas com dois sonetos de seu saudoso amigo José de Mesquita.

IGREJA DO SENHOR DOS PASSOS

A Igreja do Senhor dos Passos, construída em taipa de pilão (terra socada), localiza-se na Rua Sete de Setembro, antiga Rua do Oratório. Mendonça (1978) destaca as curiosas referências a essa igreja realizadas por Siqueira:

[...] 1816, no dia 10 de setembro, saiu a Câmara a quebrar os reais escudos, (falecimento de Dona Maria, rainha de Portugal), cuja cerimônia se executou nos largos da Igreja Catedral do Senhor dos Passos e da Praça Real (largo da Mandioca) [...] (SIQUEIRA apud MENDONÇA, 1978, p. 21)

De acordo com Mendonça (1978), a fundação da igreja do Senhor dos Passos é bastante curiosa, sendo relatada por Moutinho:

[...] José Manoel, português de nascimento, vítima de um ataque de catalepsia, foi durante ele julgado morto. Amortalhado, conduziram-no à igreja e ali, após encomendação, foi lançado à sepultura, dando-se logo começo ao enterro. Voltando a si teve forças para levantar-se, o que fez fugir a bom correr o coveiro [...] Levantado da sepultura, que era bastante profunda, saiu a custo dela, e fez então voto solene de não despir mais a mortalha, e pedir esmolas durante toda a vida, com as quais ergueria uma capela ao Senhor dos Passos. Como ainda nesse tempo havia devotos em maior abundância, o seu projeto foi facilmente levado a efeito [...] (MOUTINHO apud MENDONÇA, 1978, p. 21).

Posteriormente, a capela do Senhor dos Passos foi reformada e ampliada pelo bispo Dom Carlos Luiz D'Amour.

FIGURA 5: Igreja do Senhor dos Passos

Fonte: Mendonça (1978, p. 22)

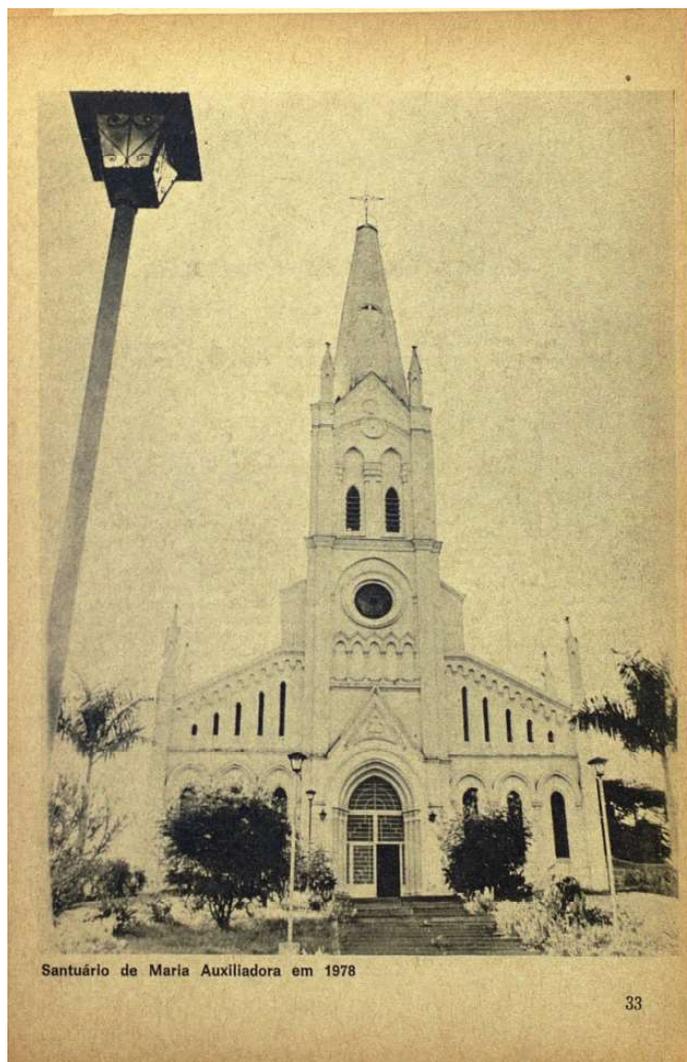
IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA

De acordo com Mendonça (1978), a história do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora está ligada à Missão Salesiana, que chegou à cidade de Cuiabá em junho de 1894, à qual o bispo Dom Carlos Luiz D' Amour confiou a Igreja Paroquial de São Gonçalo.

A Missão Salesiana adquiriu, com o auxílio do Governo, uma chácara para abrigar os alunos internos e externos e iniciaram a construção de um colégio que teve uma parte construída antes de 1897. Em outra casa funcionavam quatro oficinas, sendo elas de ferreiro, de carpinteiro, de curtidor e alfaiataria.

Mendonça (1978, p. 34) informa que o início da construção do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora se deu em 24 de maio de 1912, no terreno nivelado por 24 índios Bororo “que se ofereceram espontaneamente para esse piedoso trabalho”.

O Santuário de Nossa Auxiliadora foi inaugurado em 15 de abril de 1929, pertencendo à Paróquia de São Gonçalo.

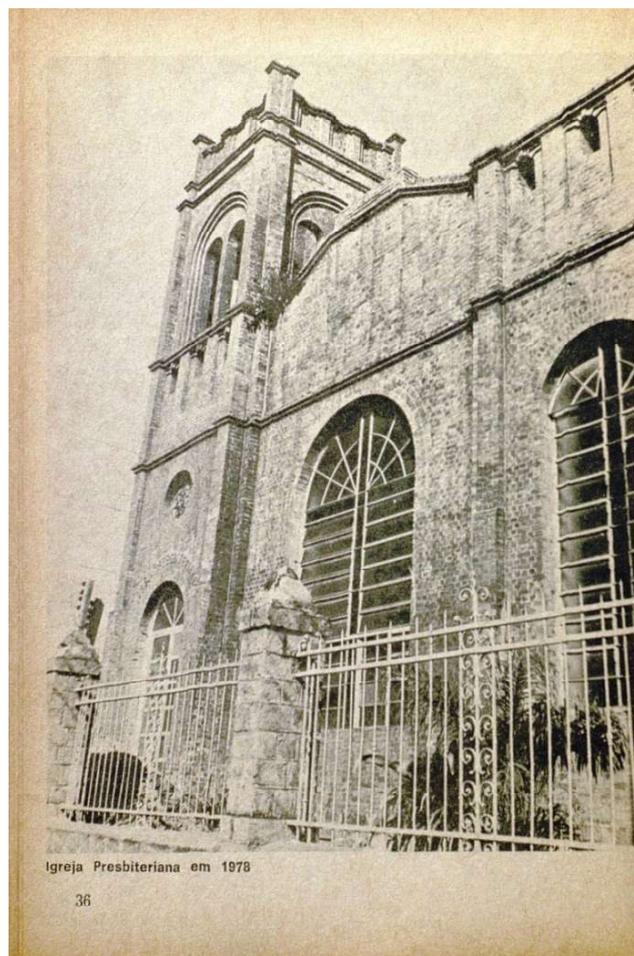
FIGURA 6: Santuário de Maria Auxiliadora

Fonte: Mendonça (1978, p. 33)

IGREJA PRESBITERIANA

Com base no relato do Sr. José Nonato de Faria, Mendonça (1978) informa que a primeira igreja de culto protestante construída em Cuiabá foi a Igreja Presbiteriana, organizada em 12 de outubro de 1920 e que, através da Mesa Administrativa, foram tomadas as providências para a aquisição de um terreno onde seria edificado seu templo. O terreno foi adquirido por compra do irmão João Pedro Dias e foi tomado um empréstimo junto a South Brazil Mission, sem juros e com pagamentos parcelados.

A pedra fundamental foi lançada no dia 7 de setembro de 1921. O templo foi construído com o apoio da Missão e a obra foi concluída em 24 de dezembro de 1922 (BOLETIM Informativo, 2000).

FIGURA 7: Igreja Presbiteriana

Fonte: Mendonça (1978, p. 36)

SOBRADOS

Mendonça (1978, p. 37) inicia o texto esclarecendo que o sobrado significa “pavimento de madeira; soalho; solho; pavimento superior ao pavimento térreo de um edifício [...]” e que em Mato Grosso, assim como no Nordeste brasileiro, a posse de um sobrado “significava a opulência, o poderio econômico dos fazendeiros, dos coronéis de usinas, proprietários de latifúndios” e que “as técnicas construtivas eram geralmente primitivas”.

SOBRADO DO ALFERES JOAQUIM MOURA

Mendonça (1978) situa este sobrado entre a Rua do Oratório, atual 7 de Setembro, na esquina com a Travessa da Alegria, denominada de Voluntários da Pátria. Segundo o autor, o sobrado pertenceu ao Sr. Rafael Verlangieri e deste passou ao seu filho Rafael Verlangieri Filho. Anteriormente, foi propriedade do Alferes Joaquim Moura.

Mendonça assinala como acontecimento importante o fato de nele ter nascido a poetisa Amália Verlangieri, no dia 22 de junho de 1930 e falecida no ano de 1976.

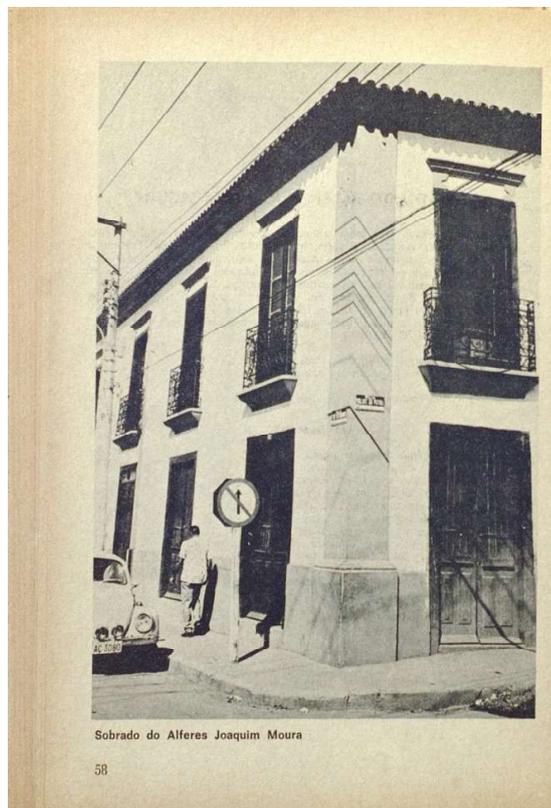
Na sequência, Mendonça presta uma homenagem à memória de Amália transcrevendo uma poesia de sua autoria:

Alma das cousas

(Amália Verlangieri)

A água que cai agora
Tão mansa, tão quieta,
Parece a lágrima escorrendo
No rosto dum menino pobre.
E em tudo há certa mágoa, desalento
Tão grande e profundo,
Que a alma das cousas se emudece
E se curva, humilde, como ante um altar.
E eu que andava a falar...
Parei a escutar
A alma das cousas falar...

FIGURA 8: Sobrado do Alferes Joaquim Moura



Fonte: Mendonça (1978, p. 58)

SOBRADO DA INTENDÊNCIA

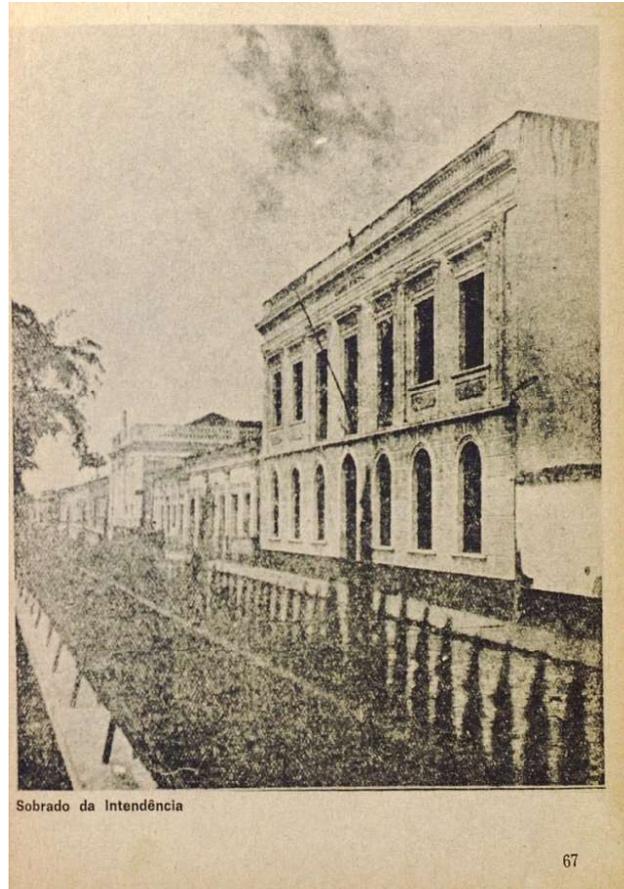
Quando o autor escreveu a obra, o Sobrado da Intendência Municipal era ocupado pela Câmara de Vereadores e, na gestão do Prefeito Frederico Carlos Soares Campos passou de sobrado a casa térrea (MENDONÇA, 1978).

De acordo com o relato do autor, este sobrado foi construído em 1810, passou por duas reformas e duas ampliações. A primeira antes da Guerra do Paraguai e a segunda em 1887, com a compra de uma pequena casa que pertencia ao jovem José Barnabé de Mesquita.

Na madrugada de 6 de outubro de 1911, um incêndio destruiu o acervo da Câmara Municipal. Como a vizinha percebeu o ocorrido, o Batalhão Policial, ajudado pela população, conseguiu extinguir o fogo por volta de 7 horas da manhã.

Um fato curioso relatado pelo autor sobre este incêndio é que não foram destruídos os originais dos “Anais do Senado da Câmara”, que eram guardados na Prefeitura, pois o intendente Avelino de Siqueira os havia emprestado ao historiador Estevão de Mendonça.

FIGURA 9: Sobrado da Intendência



Fonte: Mendonça (1978, p. 67)

SOBRADOS DA RUA 13 DE JUNHO

Segundo Mendonça (1978, p. 86), na rua que se chamava Bela do Juiz havia dois sobrados, um deles era “o sobrado do Sr. Gabriel Francisco de Matos, comerciante, homem de bem e trabalhador, cuja casa comercial se chamava: “Trabalho e Constância”.

Neste sobrado foi instalada a primeira empresa telefônica de Cuiabá, cujo concessionário e proprietário era o Sr. João Pedro Dias.

Mendonça destaca que o segundo sobrado da Rua 13 de Junho ficava no trecho, antigamente, denominado de Rua Cruz das Almas (o Largo da Cruz das almas é a atual Praça Ipiranga). O sobrado era antigo e nele funcionou o Ateneu Ipiranga, fundado pelo professor Alcindo de Camargo. Por ocasião da publicação da obra, o prédio pertencia à família London.

No ano de 1954 nele funcionou a primeira empresa de telefones interurbanos de Cuiabá, a empresa Radional.

FIGURA 10: Sobrado comercial do Sr. Gabriel Francisco de Mattos



Fonte: Mendonça (1978, p. 85)

FIGURA 11: o sobrado dos London

Fonte: Mendonça (1978, p. 87)

ALGUMAS REFLEXÕES

Conforme verificado, a cidade de Cuiabá, a partir da década de 1960, passou por significativo processo de expansão urbana e aumento populacional, com a conseqüente descaracterização ou demolição de parte do patrimônio construído. Praticamente duas décadas depois o poder público, pressionado pela sociedade civil, tomou medidas visando ao tombamento desse importante patrimônio cultural.

Certamente, entre as vozes que evocaram as medidas de preservação, estava a do historiador Rubens de Mendonça que publicou obras chamando a atenção para os valores representados pelo patrimônio paisagístico e cultural de Cuiabá, perpassando por sua história, lendas, práticas cotidianas, características das ruas e becos da cidade, analisando os conjuntos arquitetônicos, as igrejas e os sobrados.

No estado de Mato Grosso, a preservação do patrimônio é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura, com base na Lei Estadual n.º 3776, de 20/09/76, cabendo também aos municípios a responsabilidade de terem sua própria legislação para a valorização do patrimônio (ASSIS, 1997).

Entende-se que, na preservação, se busca a permanência do bem ao qual se atribui valor e/ou significado cultural. O ato de preservar ultrapassa a condição material do bem e alcança também seu significado histórico, seu valor imaterial, artístico, cultural, entre outros. Sob esse prisma, um bem é preservado para continuar evocando a

história, a cultura e a memória de um povo para seus contemporâneos ou descendentes (CASTILHO, 1997).

Em maio de 1975, por iniciativa do Governo de Mato Grosso e da Secretaria de Promoção Social, foi criado um projeto de promoção à cultura local, com a abertura da Casa do Artesão, no antigo Grupo Escolar Senador Azeredo, no bairro do Porto.

No âmbito municipal de Cuiabá, o Prefeito Rodrigues Palma (1976/79) criou o Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura de Cuiabá, que instituiu a Casa da Cultura. O antigo edifício do extinto Clube Feminino na Rua Barão de Melgaço passou a ser a sede da nova entidade, com a instalação da Biblioteca Municipal Manoel Cavalcanti Proença (PÓVOAS, 1982).

O primeiro tombamento federal em Cuiabá refere-se à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Capela de São Benedito, que foi inscrita no Livro Tombo de Belas Artes e no Livro Tombo Histórico do IPHAN, em 4 de dezembro de 1975. A proteção abrange, além do próprio monumento, todos os equipamentos do interior da igreja, entre os quais, retábulos, imagens, alfaias e mobiliário antigo (IPHAN, 2001).

Na esfera municipal, entre os anos 1975 e 1976, foi implementado um projeto de revitalização do centro urbano de Cuiabá, criando os “calçadões” no Beco do Candeeiro e nas ruas Galdino Pimentel, Ricardo Franco, Antonio Maria e Antonio João (FREIRE, 1997).

Na esfera estadual, aconteceram os tombamentos do Seminário da Conceição e da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, pela Fundação Cultural de Mato Grosso, em 1977.

Em 1982, foi aprovada a lei de uso do solo, Lei 2023, de 09/11/82, que, no Art. 4.º, delimita a área de interesse histórico e define como área de proteção ecológica o Morro da Luz. No ano seguinte, foram tombados, por decreto municipal, o Morro da Luz e o Morro do Seminário (CUIABÁ, 1996).

Conte e Freire (2005) informam que no final de 1985, foram tombadas, provisoriamente, em nível municipal, uma área do centro e outra no bairro do Porto. Esse tombamento foi renovado no final de 1986. Em 1º de outubro de 1987, foi tombado em nível provisório federal a área no centro. Em 1988, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural aprovou o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá e do seu entorno, com o objetivo de preservar o patrimônio remanescente dos séculos XVIII, XIX e XX, presente nesta cidade. O tombamento foi homologado pelo ministro da Cultura, em 4 de novembro de 1992.

De acordo com Conte e Freire (2005), o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá deve-se ao fato de essa área manter o traçado urbano colonial e sobre ele as marcas do processo cultural de Cuiabá: os casarões do século XVIII, as edificações do século XIX e alguns exemplares da arquitetura dos anos 1950 e 1960 do século XX. Esse acervo expressa a história da cidade e lhe confere identidade.

A área protegida possui cerca de 400 imóveis na área do tombamento propriamente dito e 600 na área do entorno, totalizando 62,7 hectares, sendo 13 hectares na área do tombamento e o restante no entorno, incluindo, cerca de 10 hectares do Parque Morro da Luz (CONTE; FREIRE, 2005).

No tocante às igrejas mencionadas pelo historiador Rubens de Mendonça, todas figuram na paisagem urbana contemporânea. Os cidadãos cuiabanos poderão encontrá-las inseridas no cotidiano dos feis, que mantêm antigas tradições e criam novas práticas que revelam seus laços com o lugar.

Em relação aos sobrados, poucos restaram, alguns estão completamente desfigurados e alguns poucos receberam obras de conservação, de modo que constitui grande desafio ao morador de Cuiabá encontrar esses vestígios na cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Doralice G. *Conscientizar para preservar*. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.
- BOLETIM INFORMATIVO. Igreja Presbiteriana de Cuiabá. *Boletim Informativo*, n. 1656, out., ano XXII, Cuiabá, 2000.
- CASTILHO, Elizethe Rosa. *Patrimônio histórico – uma questão de identidade*. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.
- CONTE, Claudio Quoos; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamonica. *Centro Histórico de Cuiabá*, patrimônio do Brasil. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, jul./set. 1987, p. 39-68.
- CUIABÁ. Prefeitura. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano-IPDU. Diretoria de Pesquisa e Informação- DPI. *Perfil socioeconômico de Cuiabá*, volume IV. Organização Adriana Bussiki Santos; coordenação Jandira Maria Pedrollo. Cuiabá: Central de Texto, 2010.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano – IPDU. *Coletânea de leis municipais relativas ao espaço urbano: 1970 –1974; 1980-1983*. Cuiabá, 1996.

FREIRE, Júlio De Lamônica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*. Cuiabá: 14 SR/18 Sub-Regional do IPHAN/MT, 2001.

MENDONÇA, Rubens de. *Igrejas e sobrados de Cuiabá*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, Secretaria Municipal de Cultura, 1978. (Cadernos Cuiabanos – 7)

MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá: [s.n.], 1969.

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

ROMANCINI, Regina Sônia. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*. Cuiabá: Cathedral publicações, 2005. (Coleção Tibanaré, v. 6)

ROMANCINI, Sônia R.; ALENCASTRO, Aníbal. Homenagens ao Barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, n. 61, p. 51-62, 2003.